4.º ANO — LISBOA—QUARTA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 1924 — N.º 1135

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

O caso do dia foi hoje o projecto de lei Agatão Lança, que a Camara dos Deputados regeitou, negando a promoção a sargento do heroico cabo José Pinto Correia. O sr. dr. Almeida Ribeiro, agarrando-se á lei-travão, que umas vezes serve e outras não serve, fez naufragar o projecto, com grave discordancia de todos os que, patrioticamente, por essa promoção se empenhavam.

Cá fóra, a opinião publica, que não percebe de leis travões, mas que sabe que o heroico marinheiro acompanhou na morte, como acompanhara na vida, a figura gloriosa de Sacadura Cabral, ficou indignada e perplexa. A essa indignação e a essa anciosa perplexidade respondeu hoje com justa galhardia o Senado.

Logo de entrada, o sr. Herculano Galhardo, pegando no projecto do sr. Agatão Lança, tomou-o a si, assinou o e mandou-o para a mesa, com a declaração exemplificada das vezes que a lei-travão tem sido posta de lado pelo proprio Parlamento. Todos os lados da Camara secundaram o gesto interessante e justiceiro do *leader* democratico. Não houve discrepancia.

O sr. dr. Catanho de Menezes citou o art. 26 da Constituição e disse que ao abrigo desse artigo não havia lei-travão que vingasse.

O sr. Procopio de Freitas declarou que acima de todas as leis estava o dever da Nação.

O sr. Afonso de Lemos, afirmando que o seu partido pugnou sempre pela mais absoluta liberdade do Parlamento e que, por isso mesmo, não tem nem quere ter responsabilidades na lei-travão, associa-se com a maior satisfação ao projecto, que classifica de uma indispensavel obra de justiça. Os caprichos dos homens, dos governos e das leis-travões, diz, não servem neste caso nem são de atender os puritanismos do sr. dr. Almeida Ribeiro.

Falaram ainda a favor do projecto Agatão Lança-Herculano Galhardo, os srs. Lima Duque, Vicente Ramos, Conego Dias de Andrade, Querubim Guimarães e Alfredo Portugal.

O projecto foi aprovado, seguiu para a 1.ª secção, que o aprovou e hoje mesmo volta ao Senado, que lhe ratifica a aprovação e o envia para a Camara dos Deputados.

* * *

AS homenagens á memoria de Sacadura Cabral, no Rio de Janeiro, foram imponentes.

As exequias realizadas na suntuosa igreja da Candelaria, por iniciativa da colonia portuguesa, foram solemnissimas, assistindo as primeiras individualidades do Rio, altas autoridades, representantes do governo e a colonia.

Foi oficiante o arcebispo coadjutor, D. Sebastião Leme, acolitado por 18 sacerdotes, tendo-se feito ouvir no côro 26 cantores.

Mgr. Xavier da Cunha fez o panegirico do glorioso aviador, tendo produzido uma oração notavel.

Noutras igrejas da capital tambem se realizaram cerimonias funebres, tendo estado igualmente repletas.

* * *

MERCEDES Blasco, cuja carreira literaria é um pouco a historia dolorosa da sua vida, publicou um novo livro — *Versos de Mulher*.

Para bem se compreender a sua musa, é necessario lembrarmo-nos que ela não faz versos por passatempo, mas sim para dar á sua dôr o tom mais emotivo, sincero e artistico.

Experiencia

Nós estamos actualmente num periodo de expiação monetaria, o que monta a dizer que pagamos os erros dum largo periodo de inflação fiduciaria, em que o nosso escudo sofreu tal depreciação que os seus detentores o julgavam condenado a um destino parecido com o do marco.

O publico começa agora a perceber que não é só a libra e o dollar que teem existencia real, mas que a nossa moeda, após uma longa e tenebrosa enfermidade, avança para o seu restabelecimento, apesar da opinião pessimista de alguns doutores, que entendem que a sua missão é receitar a morte e não a vida.

Pessoas simplistas alimentam, a tal respeito, uma desoladora ilusão, porque pensam que as finanças dum país teem vida independente da sua economia.

No seu entender, o escudo recobrará o antigo valor, desde que uma ou mais leis lhe insuflem o sopro criador com que Jupiter animava algumas das suas criações mais infelizes.

Salvo melhor opinião, parece-nos que o governo, ao mesmo tempo que fôr tomando as providencias necessarias para preparar um periodo de estabilidade monetaria, deve cuidar, mas com inteligencia vigilante, de prestar ás verdadeiras forças produtoras—ás que não querem viver com balões de oxigenio—o auxilio de que elas carecem para não sucumbirem, ingloriamente, perante a concorrencia do estrangeiro, favorecida pela estulticia nacional.

Chegam até nós noticias que não podemos pôr de parte como insignificantes ou tendenciosas, porque umas se referem á terrivel crise de trabalho e produção que se desenha e outras á acção devastadora da usura que vai envolvendo nos seus tentaculos os restos duma falsa grandesa.

O chamado novo rico, que ainda ha pouco infrenemente atirava o seu dinheiro á cara dos que ajudara a explorar, converte-se num triste espantalho que nem inspira dó nem causa riso.

O que está presentemente a sofrer, a gemer, a alucinar-se num formidavel desespero é o país!

A este não pode o parlamento e o governo recusar-lhe o seu apoio.

Nós bem sabemos que no crescer e decrescer duma crise economica e financeira ha sempre um acrescimo de sofrimentos que se distribuem, dentro duma nação, segundo uma medida que ninguem reputa justa...

No entanto, existe sempre um meio de estabelecer um equilibrio, pelo menos, nos protestos e clamores — que é evitar que os fortes esmaguem os fracos ou que os acontecimentos se desdobrem ao acaso, á maneira de forças cegas, como se foram inacessiveis á prudencia dos homens.

CURIOSIDADE INFANTIL

— O' «miss», como fazem os policias para prender os rapazes que se agarram á cauda dos aeroplanos?

NESTES dias de frio e desagasalho—noites longuissimas para os que a miseria e a doença torturam impiedosamente—devemos tratar de ser compassivos com todos os que sofrem, dando-lhes um pouco da alegria que, nos lares felizes, exalta a vida, como um poema de eterna juventude.

Se fôsse possivel tornar conhecidas as historias dolorosas de familias que, neste aproximar das festas do Natal, não têm outro recurso para se consolarem, senão a repetição monotona do mesmo desespero ou da mesma sepulcral resignação, estamos convencido que Lisboa inteira, num irreprimivel movimento de piedade, se inclinaria para elas, ofertando-lhes um quinhão dos bens que a fortuna lhes entregou.

Ainda hoje ouvimos contar duma desgraçada mãe, com meia duzia de filhos, sem protecção nem carinho de ninguem, que ha mais de dois meses ainda não dormiram debaixo de manta nem sôbre enxerga...

* * *

ENCONTRA-SE em Lisboa, hospedada no hotel *Metropole*, Madame Lucia Cardoso, a gentilissima senhora que, na «Propaganda de Portugal», em Paris, sabe acolher todos os portugueses com as mais graciosas e delicadas atenções.

Demora-se até o fim da semana, seguindo depois para Amarante, onde vai passar o Natal.

O *Diario de Lisboa* apresenta-lhe os seus respeitosos cumprimentos, desejando que, durante a sua estada em Portugal, o nosso formoso sol saiba ser grato para quem tanto o enaltece, recomendando-o aos turistas que, em Paris, pedem esclarecimentos sobre a terra de Camões e as belesas do seu clima.

* * *

FORAM presos três individuos que pretendiam vender por dez, quarenta contos de notas falsas. Os que falsificam moeda nunca acreditam no valor da sua obra.

Quando alguem tem na sua carteira notas que não fazem parte duma emissão legal, o seu maior empenho é passa-las seja por que preço fôr.

E' até por causa disto que os fabricadores de moeda falsa nunca se entendem uns aos outros no que respeita ao preço da sua mercadoria. Só pensam nisto — produzir depressa e vendera galope.

Se a policia os surpreende, deitando-lhes a mão, eles resignam-se logo a reconhecer que são victimas da *sua industria*.

* * *

O FUNERAL de Samuel Gompers, «leader» dos socialistas americanos, que se realisou em New-York, foi uma grande manifestação de pesar.

O comboio que conduzia a urna foi coberto de flores em todas as estações do percurso.

Foi recebido naquela cidade pelas personalidades de mais evidencia do partido trabalhista, devendo o corpo estar exposto até ámanhã, para que os seus partidarios lhe possam prestar as suas homenagens.

* * *

O GOVERNO russo está importando trigo da America. Os corretores filandeses venderam em Petrogrado trinta mil toneladas de centeio.

Isto parece significar que o governo russo não tem a força precisa para conseguir fazer com que os camponezes lhe entreguem os cereais de que necessita.

Pelo «sport»

FOOT-BALL

Ainda o desafio Sporting-Bemfica

Por um lapso natural em quem escreve sobre o joelho, dizia a nossa critica do encontro Sporting-Bemfica, ter o «onze» do Campo Grande obtido dois pontos na segunda parte do jogo.

Um unico «goal» marcou o «team verde-negro» no ultimo «half-time». E, ao caso nos não refeririamos — pela evidencia do lapso — se esse «goal» não tivesse sido obtido em especiais condições. Emilio Ramos, que o marcou, fê-lo directamente de um «corner». Crêmos ter sido a primeira vez que tal sucedeu em Portugal.

O Sporting deve reconhecidamente agradecer á União Portuguesa de Foot-ball, a oportunidade da publicação das alterações ás leis do «association».

O encontro Espanha-Austria

Para o desafio Espanha-Austria, a Federação Espanhola seleccionou já os seguintes 22 jogadores:

«Guardas-rêdes»: Zamora e Estrucz.

«Defesas»: Otero, Passarin, Rousse e Acedo.

«Medios»: Gamborena, Carmelo, Ocaña, Molina, Samitier e Peña.

«Deanteiros»: Juantegui, Piera, Zabala, Triana, Travieso, Montes, Carmelo, Felix, Perez, Chirri e Sagibarba.

Formando dois grupos, estes jogadores devem ter-se treinado ante-ontem em Barcelona, e pelo resultado será escolhido o «onze» definitivo

O campeonato de Inglaterra

O resultado dos ultimos «matches» efectuados para o campeonato de Inglaterra, foi:

Nots County b Sheffield	2—0
Sunderland b. Blackburn	1—0
Everton b. West Ham	1—0
Tottenham e Liverpool	1—1
Preston b. Aston Villa	1—0
Manchester b. Leeds United	3—0
Burnley b. Arsenal	1—0
Bolton Wanderers b. Newcastle	3—2
Huddersfield e Cardiff	2—2
Birmingham b. Bury	1—0

BOXING

Firpo perdeu o titulo

O Congresso Sul Americano de Box acaba de tirar o titulo de campeão da America do Sul a Luís Firpo.

Esta sanção foi aplicada por Firpo se ter negado a encontrar o chileno Romero Rojas. Este ficará detentor do campeonato.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=Ás 21,30=«Madame Flirt»
Nacional=A's 21,30—«A hora do amor».
S. Luís=A's 21—«A Dança das Libelulas».
Politeama=A's 21,30=«E' preciso viver».
Trindade=Ás 21,15—«A Edade de Amar».
Avenida=A's 21,15=«A menina do chocolate».
Apolo=A's 21,15=«A Cabana do Pae Tomaz».
Eden=Ás 21,30=«Bolo Rei».
Maria Vitoria=A's 21,30=«Onze mil virgens».
Gil Vicente=Aos domingos e segundas feiras, ás 21,30 «D. Inês de Castro».
Coliseu dos Recreios=Ás 21=Companhia de circo.
Salão Foz=A's 21=Variedades e cinema.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.

A Orquestra Marimba Excelsior no Coliseu

Nunca se viu em Portugal um numero de tanto entusiasmo como o da Original Marimba Excelsior, que ontem fez a sua estreia no Coliseu dos Recreios.

Pianos Alemães

e o maior «stock» musicales, tudos do Conservatorio, etc. Ao cambio actual 30 a 40 0|0 menos. A. Morais, Ltd.ª — Portas de Santo Antão, 128.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo.

UMA HOMENAGEM

O professor DE PIANO Timoteo da Silveira

foi o primeiro organisador de audições de alunos

Timoteo da Silveira

Como sempre acontece, aliam-se neste ilustre pianista, compositor e professor, o notavel talento, o grande saber e a excessiva modestia. A ultima é, moralmente a mais bela destas qualidades tem impedido que o publico tenha conhecimento, tão frequente como era para desejar, das duas primeiras. Esta falta foi ha pouco reparada nas colunas da revista *Musica*. Dois dos seus discipulos: Oscar da Silva e Ivo Cruz, exaltaram o seu merito artistico e o seu grande caracter. Permite-se agora o mais obscuro e menos estudioso de todos, vir trazer ao seu muito respeitado mestre mais esta singela homenagem.

Timoteo da Silveira, convem repeti-lo numa ocasião em que estes factos podem estar esquecidos, foi o primeiro a organizar em Lisboa audições de alunos e pugnou sempre denodadamente pela causa da boa musica quando o bom gosto ainda não era moda.

Luís de Freitas Branco

Ninguem melhor do que eu poderá vir deante do nosso grande professor de piano Thimoteo da Silveira, com a alma cheia de veneração e reconhecimento, apresentar-lhe em nome dos seus antigos discipulos as nossas mais carinhosas saudações. São eles, todos artistas de acentuado merito, que devem a base da sua educação á extraordinaria dedicação, servida pelos mais amplos conhecimentos de tecnica e criteriosa orientação do Mestre.

Timoteo da Silveira é um invulgar professor pelo metodo, pela peculiar intuição de ensino, pela acuidade de observação e paciente expectativa no progresso do discipulo, pelo aproveitamento das qualidades fortes deste e correcção das tendencias defeituosas.

O seu entusiasmo pelo seu aluno é quasi paternal e dá-nos, no apoio e no incitamento, aquela força persistente que leva de vencida as dificuldades e os obstaculos, incutindo-nos o ardor pela vitoria e pelo triunfo.

Ninguem melhor do que eu sente essa enorme divida e ninguem mais comovidamente lha deseja pagar pelo afecto e pela admiração. Por isso, é com intimo jubilo e emoção que me uno aos meus talentosos colegas, na simples, mas significativa, homenagem que lhe prestamos.

Era eu ainda pequeno, uma bela tarde! num modesto hotel da Baixa, em Lisboa, estava tocando um trecho já bastante pianistico, quando Timoteo da Silveira, ali de visita a parentes seus, me ouviu.

Perguntando—quem estava «lá dentro» a tocar—, responderam-lhe que era um pequenito e disseram-lhe o meu nome. Então o nosso querido mestre quiz vêr-me e desde esse dia, foi ele quem me guiou os passos, quem me traçou a róta da minha carreira artistica, quem me lançou na grande via do Belo.

A ele devo tudo, porque nos seus cuidados, na sua sã intuição e nos seus conselhos, eu firmei com todos os esforços e toda a esperança a ambição de vir a ser um dia um artista que nalguma coisa pudesse concorrer para o bom nome da nossa terra e da nossa raça.

Foi pela sua mão, boa e leal, que eu fui levado a outro eminente professor, Victor Hussla, de saudosa memoria com quem trabalhei harmonia, e foi ainda ele que cheio de genuino interesse, me apresentou Henrique Sauvinet, que tambem pontificava em Lisboa, e quando eu parti para a Alemanha, a expensas da Rainha, Senhora D. Maria Amelia, o nosso grande Mestre, estava possuido ainda de maior entusiasmo do que eu proprio.

A minha carreira artistica tem sido seguida por ele passo a passo. Cada aplauso que eu receba sente-o ele tanto como eu, os meus triunfos enchem-lhe a sua nobre e purissima alma de alegria e de comoção, e, de direito, ele tem parte em toda a minha obra.

Oscar da Silva.

Na galeria dos musicos portugueses que mais têm trabalhado, o nome de Timoteo da Silveira é inconfundivel.

Artista de grande envergadura, que prima pela correcção tecnica ao serviço dum elevado sentimento, alia estas qualidades — virtudes para um musico — a uma linha moral de beleza transcendente.

O baixo materialismo da vida moderna, em que muitos sossobram, não atingiu Timoteo da Silveira — e eu bem o posso afirmar — que se mantem no desempenho do seu sacerdocio com dignidade e desinteresse.

A sua benefica acção tem-se feito sentir, já criando discipulos notaveis — como Oscar da Silva, Luís de Freitas Branco, João Queriol, D. Antonina Moreira, Brinita, D. Maria Isabel Pacheco Soares Costa, etc. — já divulgando as obras dos grandes mestres.

Numa epoca de literatura pianistica duvidosa, Timoteo da Silveira impunha-se e tornava possivel a generalização de uma alta cultura musical, mercê da inteligente e salutar orientação pedagogica que imprimia ás suas lições.

A obra de renascimento musical a que hoje estamos assistindo deve-se em grande parte a tão insigne Mestre.

Timoteo da Silveira, com os seus setenta anos, tem um espirito novo, aberto ás mais ousadas inovações que dia a dia se operam no campo da musica.

E nada ha de mais tocante que vê-lo ao piano, interpretando, com verdade, paginas de Debussy e de Ravel.

Nas audições, em que tantas vezes firmou as suas altas qualidades de pedagogo, foram executadas obras portuguesas, coisa bem rara, e que bem demonstra o apreço em que tinha os nossos compositores. Timoteo da Silveira, na sua modestia, na sua competencia de grande pedagogo e na sua sensibilidade de artista, é *primus inter pares*.

Ivo Cruz

Não ha razão para ter frio

Acaba de chegar a este estabelecimento um enorme sortido de caloriferos a electricidade e a petrolio por preços muito reduzidos.

GOMES DA SILVA & TORRES L.da
69—Rua da Victoria—71 = Junto á Rua do Ouro

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Eugenia de Avelar Torres, D. Palmira Perry Vidal de Vasconcelos, D. Maria de Almeida e Napoles e D. Maria Alice Tenreiro Ilharco de Campos Viana.

E os srs.:

Arnaldo Meireles de Abrau e Sousa, Antonio Maria de Queiroz Pinto Coelho e Nuno France Duarte.

— Faz hoje anos a menina Maria Eugenia da Mota Marques Ferreira de Castro, gentil filhinha da sr.ª D. Margarida da Mota Marques Ferreira de Castro.

Diplomatas

Ofereceram ontem na «Garrett» um almoço intimo, o ilustre ministro da Argentina em Portugal e madame de Cantillo.

Casamentos

Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Lusia da Natividade Guedes de Andrade, para seu filho Manuel, a sr.ª D. Maria Clotilde da Fonseca Monteiro, filha da sr.ª D. Maria de Oliveira da Fonseca Monteiro e do capitão de fragata sr. Jaime da Fonseca Monteiro.

O casamento realizar-se-ha brevemente.

No Centro Espanhol

A'manhã, organisada pela direcção deste elegante centro, realisa-se uma encantadora festa cujo producto se destina ao «Prosente do soldado», em que tomam parte, além de todas as artistas espanholas que estão em Lisboa, a brilhante actriz portuguesa D. Amelia Rey Colaço.

A' encantadora festa presidirão o ilustre ministro de Espanha em Lisboa, sr. D. Alejandre Padilla e o consul geral.

Chás dançantes

Como era de esperar esteve muito animado o «chá dançante de ontem no Tavares, oferecendo a linda sala do restaurante pelas seis horas um aspecto verdadeiramente encantador. Para o «chá dançante» de ámanhã, ficaram já tomadas grande numero de mesas, o que nos leva a crer que a tarde de ámanhã ficará marcada a letras de ouro nos anais mundanos.

Pontos de reunião

No Tivoli

Assistencia elegante á sessão da moda de ontem:

Madame de Cantillo e filhas, condessas de Carnide e do Cartaxo, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filha, D. Maria da Penha Perestrelo Soares Branco, D. Maria Isabel Perestrelo de Vasconcelos Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Assunção Perestrelo de Matos, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Constança Pacini da Camara, D. Cristina Resende da Silva, D. Berta Marques da Costa Lupi, D. Livia Street de Arriaga e Cunha Braamcamp (Sobral), D. Maria das Dores Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filha, D. Maria Emilia Soares Branco Bourbon (Lindoso), D. Maria Perry Vidal Marques da Costa, D. Alice Barjona de Freitas da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria Natalia Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Maria Teresa Perestrelo Orey Ferreira Pinto, D. Margarida Galvão Mexia Bramão, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Maria de Melo (Ulrich), D. Febronia de Abreu Saraiva e filhas, D. Maria Gomes Pressler, D. Maria Gomes de Abreu Baptista, D. Josefa Street Caupers, D. Margarida Street Caupers de Bragança, D. Dayse Cohen Correia (Bettencourt), D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria José de Magalhães Coutinho Guedes, D. Amelia Resende da Silva de Melo (Cartaxo), D. Alice de Barros Pereira de Carvalho de Brion, D. Maria Francisca da Camara Ferreira Pinto Basto, D. Maria José Vaz Monteiro Nazaré, D. Maria Luísa Bramão Reis, D. Maria Henriqueta Abrantes Ribeiro da Costa, D. Maria Emilia da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Antonia de Saldanha Marreca Franco, D. Luisa de Sá Pais Amaral (Anadia), D. Maria Sofia Bleck de Lancastre (Lousã), D. Maria Luísa e D. Maria Clementina de Vilhena de Magalhães Coutinho, D. Berta e D. Maria da Assunção Belmar da Costa, D. Maria Vechi Pinto Coelho, etc.

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante á recita da moda de ontem:

D. Lice Abecassis Seruya, D. Rosa Pais Lopes e filha D. Maria, D. Maria José de Abeim do Quental, D. Maria Francisca Pinto da Fonseca de Andrade e Silva e filha D. Maria de Lourdes; D. Guilhermina de Vasconcelos Pinto de Moura e filhas D. Maria Eduarda, D. Maria Eugenia e D. Maria Alice; D. Maria Antonia e D. Maria Perestrelo Guimarães, D. Maria da Conceição Duarte da Silva Pinto e filha D. Maria do Céu; Mesdemoiselles Sousa e Silva, etc., etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde nas «matinées» do Coliseu dos Recreios, Salão Foz, Cinema Condes e Tivoli, e á noite nos teatros S. Carlos e Avenida, recita da moda, respectivamente, com as peças «Madame Flirt» e «A menina do chocolate».

Doentes

Encontra-se doente, aguardando o leito ha já alguns dias a sr.ª D. Izaura Vaz Ferreira de Andrade, esposa do sr. Manuel Lopes de Andrade e mãe do secretario da redacção do *Diario de Lisboa* o nosso querido amigo sr. Alvaro de Andrade.

Não seria chic que a uma pessoa da sua maior estima, oferecesse um retrato de má qualidade!

Ofereça sempre só bons retratos

FOTOGRAFIA BRASIL

Rua da Escola Politecnica, 141

TEATRO SÃO LUIZ

Concertos BLANCH

Domingo, 21 — «Matinée»

6.º concerto de assinatura da

ORQUESTRA SINFONICA PORTUGUESA

dirigida pelo maestro **Pedro Blanch**

6.º do Ciclo Beethoviano — 6.ª sinfonia (Pastoral) de Beethoven — 3 primeiras audições: «Largo», de Haendel; «Dança Oriental», de Flaviano Rodrigues; «Guarany», de C. Gomes—«Os Preludios», de Liszt—«Maestros Cantores», cuverture de Wagner.

LITERATURA DE HOJE

A obra da nova geração

E O LIRISMO DO POETA

Antonio Alves Martins

A geração nova de Portugal ou, melhor, aquela parte da nova geração que merece a pena estudar, a que renega os amadores, os plagiarios e os paranoicos das letras, emfim, aquela geração, que começa agora a agrupar-se em volta de um ideal e de um chefe, deve presentir em Antonio Alves Martins um dos seus mais puros e originais valores. Por isso me cumpre apontá-lo á geração, marcar-lhe as tendencias porque ele se liga á nossa tendencia comum, e incitá-lo assim, indirectamente, á completa realização do seu sonho de grande poeta lirico.

Não serei eu quem reincida no velho e falso logar comum dizendo que o lirismo é a mais constante e notavel, a unica manifestação forte do nosso espirito português. Um espirito nacional é complexo e mais ainda, completo. E entre todos os espiritos nacionais, entre os seis ou sete que interessam a todo o mundo, o espirito português é do mais complexamente organizados, indo da capacidade epica de Camões, ao espirito tragico de Antonio Ferreira ou Garrett, do espirito de comedia de Gil Vicente, ao espirito metafisico de Anthero, ao sarcasmo quixotesco, tragico e comico de Junqueiro na «Patria». Um espirito nacional que não é completo é uma invenção de eruditos, que nenhuma inteligencia culta e criadora póde aceitar.

Mas se o lirismo não constitue, na verdade, o motivo unico nem o principal sequer, da nossa literatura, não deixa por isso de ser uma das suas fortes manifestações. Que é tambem de todas a mais permanente, é certo, mas por um fenomeno geral em todas as literaturas que nas épocas menos criadoras, menos cultas ou menos disciplinadas, as entrega inteiramente á manifestação sentimental, e por isso mais espontanea, do lirismo. E' o lirismo a mais constante das manifestações literarias em todos os povos novos e fortes, em todos os povos ainda não dominados e gastos por uma cultura atavica demasiada. E, por isso, o lirismo se mantem constante em Portugal com uma linha nunca interrompida de altos valores.

Dentro dessa corrente, dentro dessa constante lirica portuguesa qual poderá ser a obra da geração nova? Qual o lirismo novo que mantendo o espirito fundamental da tradição, a alma constante do nosso lirismo, o alargue e renove, no entanto? Deverá ser um néo-classicismo, um romantismo lirico, ou uma nova criação?

As gerações que directamente nos antecederam, realizaram os três tipos liricos — o néo-classico, o romantico, e aquele que, pelo menos como actividade precursóra, revela uma nova criação. Houve um longo periodo de hesitação em que todas as tentativas se entrechocaram. E, na verdade, esta propria hesitação revela a possibilidade da nova era criadora, original, em que o lirismo português alinja o seu mais alto grau.

A geração nova, isto é, aquela parte equilibrada e séria dos novos que a ha de formar, está indicada por todas as tendencias e sintomas para realizar a obra conjunta da criação de uma civilização. O espirito lirico forma o ambiente e com o espirito de exigencia que implica que nós devemos analisar o seu lirismo. E' assim o seu lirismo?

Devemos dizer aqui, para exacta comprehensão do que póde ser o lirismo novo, que não é nunca o simples espirito lirico o criador do nódulo central duma civilização. O espirito lirico forma o ambente em que essa criação se ha de dar, e acompanha a idealisando a incerteza, a ansiedade, a sensibilidade extrema em que ela se dá. E' o caso de Antonio Nobre, de Teixeira de Pascoaes e, entre os novos, de Mario Beirão e Antonio Alves Martins.

Outro lirismo vem depois, o lirismo do criador e dos seus discipulos religiosos, o lirismo que tira as consequencias sentimentais da grande criação. E' o caso que se deu com Camões e os seus discipulos e com Dante e o lirismo petrarquiano.

Destes dois lirismos só o primeiro poude aparecer até hoje em Portugal, e é o primeiro que domina os bons poetas das gerações passadas, e os bons poetas da geração nova.

O lirismo de Antonio Alves Martins é um dos sintomas mais claros e mais belos desta minha afirmação. Dentro da poesia lirica portuguesa, renovada por João de Deus, alargada em poder sentimental e ritmico por Antonio Feijó, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, sensibilisada por Antonio Nobre e Camilo Pessanha, insuflada de misticismo expectante e metafisica animica por Teixeira de Pascoaes, equilibrada numa pura tradição portuguesa por Afonso Lopes Vieira, fornada, enfim, por estes e outros um maravilhoso instrumento de expressão, dentro desta poesia lirica a obra a fazer pela geração nova é ainda enorme.

A obra da geração nova, é criar com esse poder sentimental e ritmico já existente, o ambiente mistico para a grande criação. E' ser imensamente orgulhosa da sua obra, e humilde ante a criação futura.

Dentre aqueles que dentro da geração nova têm iniciado essa obra, quero destacar desde já o poeta Antonio Alves Martins.

O seu lirismo é pura e forte comoção humana. E' uma aza humana que se levanta para os infinitos a palpitar de amor e paixão. O amor mistico, o amor sensual, o amor de ternura e dôr — todos os amores, isto é, todos os sentimentos do homem na sua fórma instintiva, na sua fórma amorosa.

Não é já o lirismo de Antonio Alves Martins a anunciação, o presentimento da alma nova em sensibilidade, ou em dôr, ou em poder sentimental, lirismo de presentimento divino que é o de Antonio Nobre e constitue a razão profunda e fundamental da obra de Mario Beirão.

O lirismo de Antonio Alves Martins é já mistica comoção da nova alma.

E' já a nova alma — mas em amor, em instinto, em ingenua vida. Dentro do espirito panpsiquico para que vem marchando a poesia portuguesa ele é o grito de amor humano de «amor desordenado» que aproxima os infinitos e Deus, do momento fugitivo de dois corações.

Ha nele um alargamento a todas as coisas do Universo, um alargamento continuo em amor. Não é isto apenas uma afirmação de rétorica sentimental, mas uma expontanea afirmação de humanidade, uma fórma instintiva da grande afirmação de energia humana que constitue o fundo da nossa civilização portuguesa, da nossa civilização extremo-ocidental.

O que em João de Deus era episodico torna-se permanente neste poeta. E' raro o verso que se esquece do seu destino de abranger e abraçar o mundo em amor, em ternura, em paixão:

«Vou amar e ser amado!
— Não sei de mim, o que faço.
Quero abranger todo o Espaço,
Ser na Vida dispersado!»

O seu lirismo cada vez se torna mais exclusivamente um lirismo amoroso, um lirismo da paixão humana expandindo-se livremente. Nenhuma coisa o desperta senão para rever mais brilhante ou mais triste a imagem do seu amor. A sua vida objectiva é como que uma vida transposta da alma sobre o mundo exterior. O mundo nada lhe diz se não lhe lembra o seu intimo amor. E' um pretexto e um eco da sua vida amorosa.

«As aragens suspirosas,
Tardes, manhãs, trautas, rosas,
Fontes e giestas a abrir.

Tinham em seu sentimento,
O grande presentimento
Deste amor — que ia existir!»

A sua poesia é instintivamente um extravasar de vida amorosa sobre o mundo e o infinito. E' uma acção voluntaria do seu instinto humano, da sua capacidade criadora que, deste modo, se revela como bem da geração nova, energica e criadora, cujo espirito é uma constante afirmação de vontade humana no infinito. Esta afirmação de vontade humana, da permanencia e alargamento da alma no Universo, revela-se instintivamente, ingenuamente, em Antonio Alves Martins pelo amor. Vê-se, por isso, que ele é bem o lirico que devia preceder e acompanhar a formação suprema, com o seu lirismo da alma colectiva que o permite. O ambiente sentimental em que é possivel a criação interna canta nos seus versos a sua vida apaixonada. Sem este canto de amor a enternecer as coisas, o mundo seria duro demais á alma do homem. Mas o coração transforma o mundo exterior com o seu canto, a vida enternece-se e chora e canta e sóbe assim para Deus:

«Alma, assim, tão dividida
Como um aroma divino;
Amor, o nosso destino
Era o destino da vida!»

E toda a vida exterior lhe é apenas pretexto para o seu amor, desde a mulher, fórma peregrina que o despertou para a vida, até á curva dos caminhos, e aos longes perdidos em bruma, a natureza inteira.

«Oh natureza, olhamos-te vencida:
Nesse momento temos toda a vida
Dentro do coração!»

O instinto lirico equivale a uma consciencia perfeita das ideias e das coisas a realizar. Por isso o instinto lirico de Antonio Alves Martins o coloca já determinadamente no espirito da nova criação. A sua comoção lirica, a sua elevação religiosa, o seu espirito de energia vital, expansiva, sedenta de eternidade, fazem dele já um consciente criador. Ele não sente o amor apenas como um caso da vida, mas como a eternidade da sua alma — ceu e calvario do seu corpo e do seu coração.

«Assim, sou dôr gemendo sob a cruz!
Desmaio no calvario, e ressuscito
—Em ti!—subindo ao Ceu, como Jesus!

... ...

«Grito que vai soar na Eternidade;
E faz da sombra humana luz divina;
E mostra, enfim, o seio da Verdade!»

O poeta compreende e aceita a sua gloria divina. E por aceitação do seu destino o seu lirismo já hoje grande, poderá vir a alcançar uma beleza definitiva.

De entre os poetas liricos da geração nova: — Augusto de Santa Rita, João Cabral do Nascimento, Carlos Lobo de Oliveira, por exemplo — é este poeta certamente um dos que menos variará. Porque a sua forma e a sua comoção interior souberam descobrir logo nos primeiros versos, o caminho a seguir. O que devemos é esperar dele a sua total realização dentro deste espirito e desta fórma.

Por isso o aponto desde já como um exemplo do lirismo da geração nova e da formação da sua alma. Alma que começa a agrupar-se, a dominar as correntes dispersas, a eliminar os maus valores e a preparar a grande criação anunciada.

JOÃO DE CASTRO

Só comprem jogo para o NATAL no

CONDEIXA

3.000 contos e 1.000 contos

A' venda na feliz

TABACARIA CONDEIXA, R. do Arco Bandeira, 211, (proximo ao Rocio)

Ha grande sortimento de bilhetes, meios bilhetes, e quadragesimos e cautelas a 3$00, 6$00 e 12$00 e dezenas a 30$00

GRANDE PALPITE NOS N.os: 2979 e 12.413 Bilhete aberto em cautelas de 3$50

MELHORIA CAMBIAL

Insofismavelmente o seu beneficio na totalidade visto que firmamos os nossos preços em libras para liquidação em escudos ao cambio do dia

Tubagem—Maquinas—Correias

Rua Poço dos Negros LISBOA

F. STREET & Co L.TD

A "matinée,. de ámanhã no Coliseu

E' magnifica a «matinée» que ámanhã se realisa no Coliseu e que tem um programa surpreendente.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis

T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

TELEFONE 5205-N.

Portugalise os seus Pés

Rocio, 122

Rua da Palma, 128

LOTERIA DO NATAL

Não se esqueçam de comprar jogo no

Kiosque VIOLA

LARGO DE S. ROQUE

(em frente ás escadinhas do Duque)

GRANDE VARIEDADE de bilhetes, Bilhetes abertos em cautelas de 3$50 meios, decimos e quadragesimos e 7$00 nos numeros 2469 e 7777 e os numeros 3215 e 5313 que são dedicados aos socios do Casa Pia Atletico Club

E' mais que certo os 3.000 contos neste quiosque!

Uma notavel "écuyère,, no Coliseu

Fez um extraordinario sucesso a notavel «écuyére» M.elle Eliet que ontem fez a sua estreia no Coliseu dos Recreios.

SCALABITANOS

Deliciosissimos licores! Soberba apresentação

DEPOSITO GERAL Telef. C. 119

RUA AUGUSTA, 70, 2.º

Portugalise os seus Pés

Rocio, 122

Rua da Palma 128

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 horas — Telef. Central 535

A Cidade

CARLOS ALBERTO VIANA e
ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS
SOLICITADORES
Inventarios, divorcios, processos comerciais, etc.
Consultas sobre a lei do inquilinato.
«Procuradoria Universal»
R. da Madalena, 119, sl Tel. 1440 C.

Chá das cinco

Farrapos

Pregunta-me porque motivo poderoso aquele homem desceu da sua dignidade, até fazer figuras ridiculas, figuras que os outros olham com despreso, entre chascos e ironias.

Porque havia de ser? Pelo eterno motivo de tudo quanto se passa entre homens e mulheres: — o Amor.

Ele é doido por ela. Estremece-a. Por ela seria capaz de dar a vida. Por ela sacrificou a sua dignidade, e aí anda a praticar actos de que os outros riem cruelmente...

Se me preguntar o que penso disso, dir-lhe-hei:

—O Amor deve ser digno, forte, alegre como um dia de primavera, claro como o sol. Deve ser uma fonte de vida, de dignidade, de Belesa...

O Amor, como ele o entende, como o entendem tantos, não é Amor; é uma doença — é a pior doença...

O homem passa a ser um farrapo. Entregue á sua paixão doentia, depois de dado o primeiro passo no caminho da transigencia, na ladeira do ridiculo, está perdido. Já não lhe importam nem as ironias sangrentas duns, nem as gargalhadas dos outros.

Ha que olhá-lo, então, como um pobre doente, que perdoar-lhe, por piedade, — e, sobretudo, que procurar não fazer como ele que converteu o sol claro do Amor na noite escura da indignidade....

Felix Correia

Orquestra Portuguesa de Instrumentos de Arco

Um novo genero de concertos

Realiza-se ámanhã, no Salão do Conservatorio, o segundo concerto da Orquestra Portuguesa de Instrumentos de Arco, que, organizada em associação artistica, pretende orientar-se no genero de musica de camara.

Alberto João Fernandes, com longa experiencia de orquestra, conhecedor dos instrumentos de corda e dos seus segredos na orquestração, estudioso e de forte vontade, impõe-se como dirigente desta associação de artistas que lhe reconhece as necessarias qualidades de inteligente ensaiador.

ALBERTO JOÃO FERNANDES

Além de musicas portuguesas, executa se o celebre concerto-grosso de Haendel, conhecido pelo concerto da «Musette», havendo um trecho de canto pela conhecida e distinta soprano mademoiselle Raquel Bastos, que se fará ouvir acompanhada pela orquestra, na dificil area da celebre opera «Il flauto magico», de Mozart, «Gli angui d'inferno».

UMA PRAGA...

Lisboa...

...Lisboa está inçada de gatunos e a policia não os prende!

Os agentes da policia de investigação receberam ha dias uma ordem que lhes tem dado que pensar. Mandava que, nos termos do artigo tal, da lei tal, de tantos de tal e assim assim, se «acabasse com o velho sistema de prender individuos, embora cadastrados, apenas por vagas suspeitas que por via de regra não se confirmam».

Não pretendendo intrometer-nos onde não somos chamados, claro que a nós mesmos nos vedamos, neste momento, a apreciação da medida julgada oportuna pelo sr. dr. Crispiniano da Fonseca, tanto mais que, em principio, a reputamos conveniente para coibição de abusos de que muita gente se queixa com razão.

Ha, porém, no caso — como, aliás, em todos os factos da vida — um aspecto interessante de jornalismo; um pretexto, pelo menos, para meia hora de reportagem curiosa, cujo têma pode pôr-se nestes termos:

Emanciparam se os gatunos? Legalizou-se a vadiagem?

* * *

Fizemos hoje de tarde a pregunta a um agente da policia, e o homem, fiando-se pouco na logica das suas palavras, respondeu com uma proposta que sem detença se aceitou.

Era assim:

—Não ha como os factos para auxiliar as demonstrações. Quere vêr os factos? Se quere... em pouco tempo lhe faço a prova.

Estavamos na rua Augusta. O homem foi andando, com o jornalista, em direitura ao Terreiro do Paço; e, quando se chegou ao arco monumental que fica lá ao fim, fez-se uma paragem para escolha do posto de acaso em que a reportagem se devia fixar:

—Aqui. Instale-se atraz desta coluna.

O jornalista instalou-se.

—Instale se e note bem o que vir.

Começámos a notar, e só vimos que os carregamentos de gente se sucediam; carros e mais carros a transportar a abarrotarem de passageiros para o Poço do Bispo, para a Estrela, para Rio de Janeiro, para P. do Brasil, para toda a enorme preferia, enfim, da area citadina.

—Que lhe parece?

—Parece-me que não percebo nada.

—Pois vai perceber.

E entrou-se na prova pratica; o policia a sorrir, contente, da nossa falta de conhecimento na roda fina dos vadios.

* * *

Durou meia hora, apenas, o entretenimento. E nesse lapso de tempo, raro foi o carro, em cuja plataforma o agente não nos apontou, entre os passageiros, um ou dois gatunos de profissão.

—Olhe; lá vai o «Filho do Ganga» amarrado ao «Brazuca»! Conhece aquele da gabardine? E' o «Americo Magala».

—Este opera com ajudante...

—Ná...! Deve trazer por... Olhe, olhe: lá vai encostado á grade o «Vento Rial»!

Foi desfilando assim, ante nossos olhos pasmados, a fina flôr da malandragem lisboeta! O «Galdeniro», o «Fila todos», o «Henrique do Porto», o «Brasileiro de Guimarães», o «Cabrita», o «Ibo», o «Dente de Ouro», etc.

* * *

—Não podem prendê-los senão em flagrante?

—São as ordes! E depois então que se queixem de ser cada vez maior o rol das gatunices... Se fossemos a contar... só em relogios e carteiras, era a lista uma coisa pavorosa.

—Desta maneira...

—Só lhe digo que até deputados e generais e chefes da policia têm sido larapiados. Ainda ha dias o chefe Murtinheira apanhou um gatuno em flagrante quando o «cavalheiro» se preparava para lhe surripiar a corrente do relogio.

* * *

Falando de causas proximas e remotas:

—Dantes, a Companhia dos Electricos fornecia 20 passes ás quatro secções da Investigação. Os agentes dividiam-nos entre si, organisavam brigadas, instalavam-se nos carros, e os gatunos temiam-se. Agora...

—Acabaram com isso?

—A Companhia suprimiu os «passes»; a Policia suprimiu a vigilancia; os ladrões souberam disso, e aí os têm a manobrarem á vontadinha.

Concordamos; e o homem acrescentou:

—Calcule o que vai ser agora, quando os vadios souberem que só em flagrante os podemos prender! Quando se prendem pessoas de bem em sua propria casa, só por supeitas de que andam a conspirar, deixam-se á solta os ladrões de profissão, não vá a Liberdade maguar se por se admitir a hipotese de que é para roubar o proximo que eles andam para aí a vadiar...

* * *

Em face de tais factos terá sido boa, terá sido má, a ordem dada aos agentes da Investigação? Não a discutimos, nem a comentamos. Limitamo-nos a fechar com mais esta informação do policia que nos serviu de cicerone na reportagem:

—Tome lá nota: Dois dias depois de publicada a ordem do sr. comissario, chegava a Lisboa, vinda do Porto, uma quadrilha completa, com receptadores e tudo...

—Andam á solta?

—Andam p'ra aí a manobrar...

PROVEM
OS DELICIOSOS BIFES, ESPECIALIDADE DA
CHIC
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

ARCADA D'OURO
José de Pinho Costa, L.da
Praça dos Restauradores, 69, 70, 71 — Tel. N. 5469
— junto á estação dos electricos —
Pastelaria, doçaria, «charcuterie», mercearia, etc.
Todos os dias serviço primoroso
de «lunchs» e «five-o'clock-tea»
ESTE ESTABELECIMENTO ENCONTRA-SE ABERTO
ATE' A' 1,30 HORAS DA NOITE

TEATRO SOCIAL

Como

Kampf idealisou a sua peça "A grande noite„ que Nogueira de Brito traduziu

No dia 20 dêste mês sobe á cena no teatro Apolo, uma notavel peça polaca de Leopoldo Kampf, que Nogueira de Brito — critico, jornalista e escritor de nome feito — traduziu, com o nome de *A grande noite*.

Tratando-se de uma peça de intenções sociais, tivemos curiosidade em conversar com Nogueira de Brito ácerca dela.

—Disse-se que o drama subiria á scena com o titulo *O grande dia*...

—Na verdade, *O grande dia* tinha talvês uma outra extensão, sob o ponto de vista da ideia que originou a peça, mas correspondia menos á realização do autor. Kampf preconisa, efectivamente, a dentro do seu credo de socialista, o dia em que a Russia, liberta do dominio czarista, gosaria duma liberdade porque tanto lutava.

—O assunto...

—Dá-nos uma hora dificil para o povo slavo, o das grandes perseguições dos primeiros dez anos do seculo xx, em que o nihilismo foi tão discutido. E' claro que essa ancia de libertação não podia deixar de interessar o mundo inteiro, mas o que o autor principalmente quiz foi pintar quadros nacionais, aliás bem semelhantes a outros que se apontam em países onde a liberdade custa cara.

—*A grande noite*...

—E' como que o momento que ha de preceder o *grande dia* da libertação da Russia, e quiçá da humanidade. Esse dia não raiou ainda na peça de Kampf, mas sim a noite em que os revolucionarios transpõem mais uma barreira para o conseguimento do seu ideal.

—Mas, apesar desse sentido restrito, a peça tem um alcance mais geral?

—Sem duvida. A doutrina que ela defende é a doutrina aceite pelas classes trabalhadoras. Simplesmente os incidentes que a acompanham no seu desenvolvimento, têm a côr especial do meio, a intenção propria da raça em cujo movimento de revindicação se têm interessado todas as classes sociais. E' bem a indole do povo russo com o seu plangentismo mistico, o denodo quasi selvagem dos seus actos, a ardencia romantica do seu temperamento.

—A peça tem muitos momentos de emoção?

—A par da tecnica que a celebrisou já, e em que Vera Sergine, em Paris, no Teatro das Varietés teve uma das suas maiores criações, «A grande noite» traz á nossa sensibilidade instantes de impaciencia, de indignação, de prazer e de esperança. Desde o seu 1.º acto até ao 3.º não perde nada da sua intensidade dramatica e emocional. Está tudo no seu lugar, como doseação de sentimento, como recorte de personagens, como movimento scenico.

—Tem muitas passagens?

—Cada acto dá-nos tipos diversos, havendo sómento dois, os herois do drama, que atravessam a peça do principio ao fim.

—E o desempenho?

—Uma verdadeira devoção da parte de todos os artistas do Apolo, e desse extraordinario ensaiador que é Antonio Pinheiro.

TEATRO APOLO
HOJE — PENULTIMA — HOJE
A CABANA DO PAE THOMAZ
6.ª feira — A peça russa **A grande noite!**

ALMOÇOS-CONCERTO Das 12 ás 14 h.
OS MELHORES DE LISBOA
"CHIC"
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20
Escolhida frequencia
Das 23 ás 2 h. Magnifica canja de galinha

A Cidade

ARTIGOS ALEMÃES
Cadeados—Saca-rolhas—Facas de cosinha, etc.
aos melhores preços do mercado
J. DORES
RUA DA PALMA, 115, 2.º—LISBOA

COISAS NOSSAS

Onde

estará
a preciosa colecção
de arte chineza
que Camilo Pessanha
ofereceu?

Do oficial da Armada, sr. Raul Boaventura Real recebemos em resposta ao artigo do director do Museu de Arte Antiga, sr. José de Figueiredo, a seguinte carta:

Sr. Alvaro de Andrade: — A elevada consideração que v. me merece, a gratidão de que me encontro possuido pelo seu jornal, e a amizade respeitosa e cheia de carinho que nutro por Camilo Pessanha, o delicado interprete das «Elegias Chinesas», cuja publicação talvez em breve deva causar o deleite supremo dos homens intelectuais da minha terra, obrigam-me a vir ainda roubar-lhe um pouco do seu interessante jornal.

Mas perdôe.

Entre as declarações que a V. fiz na entrevista que tivemos, e a carta do sr. dr. José de Figueiredo, publicada em 13 do corrente, ha determinados pontos, que, não só o respeito que a mim proprio devo, como sobretudo a posição social que ocupo, me obrigam a aclarar.

Na entrevista que a v. concedi, declarei eu, que, tendo em 1922 pessoalmente procurado o sr. dr. José de Figueiredo, a quem devo o requinte do acolhimento em sua casa, me havia sido dito, que os objectos se não encontravam ainda expostos por duas razões:

Primeiro, por não haver «sala», pois se contava para isso com a ampliação que no referido Museu ha largos anos se encontra praticando.

Segundo, por nem todos os objectos, segundo opinião do mesmo sr. dr. José de Figueiredo, deverem figurar no Museu de Arte Antiga, por os não encontrar, «com o valor preciso», para que nele devessem figurar.

Ora, foi em virtude desta declaração, que, como amigo de Camilo Pessanha, e como amigo de Carlos da Maia, profundamente me sensibilisei, pois, tendo sido em Macau testemunha de todo o espirito que animou Camilo Pessanha e aquele desventurado amigo, não pretendia de fórma alguma que mutilada podesse vir a ser a orientação que havia sido tomada, quando Camilo Pessanha nesse gesto que muito o sublima e dignifica, nos havia dito:

«Ofereço ao meu paiz o melhor que tenho, pois deixo para o canto os milhares de peças, que, sendo embora boas, as considero como sendo as de aprendizagem durante vinte anos sobre o estudo da arte chineza».

Quanto ao nome, que nunca Camilo Pessanha pensou em que ele fosse colocado, pois isso seria ilogico de um espirito superior e incompativel com a sua modestia (haja em vista a perturbação que lhe causou Carlos da Maia quando ao peito lhe colocou o habito de S. Thiago), só é explicavel pelo desejo dos seus amigos.

Mas, com nome ou sem nome, em «vitrines» ou em «sala», o que nos importa a nós, amigos, no numero dos quais podemos contar agora o sr. dr. José de Figueiredo, é a declaração de que em breve iremos gosar do espiritual prazer de nos aproximarmos do Camilo Pessanha, por intermedio dos seus «bibelots», desses «bibelots», que ele tanto amou.

E, então, como amigo de Pessanha e como português, recordaremos com ternura as horas que passámos nesse pequenino torneio — o de desanuviar da poeira em que ha dez anos se encontram mergulhados os objectos de arte, que, sendo pertença de Camilo Pessanha, os poderemos considerar hoje como fazendo parte integra da riqueza nacional.—Pela publicação desta carta se confessa, Admirador de v., etc. — *Raul Boaventura Real.*

A sorte grande do Natal está á venda no
PINA
RUA DE S. PAULO, 75

ESTA' LA'? . . .

Talvez...

... talvez se pudessem
dispensar
as meninas dos telefones!

—Quem fala...
—Daqui do Matadouro...
—Desculpe. Não é p'r'ahi...
—Está? Quem fala?
—Da casa de madame Pires...
—Des... culpe. Não é p'r'ahi.
—Oh! menina... Ahi quem fala?
—Correios e Telegrafos, Administração. Adalberto Veiga ..
—Até que emfim. Olhe meu amigo..., etc.

A ligação levou sete minutos certos a fazer se. Culpa das telefonistas? Não! Culpa do processo.

* * *

O sr. Adalberto Veiga é um ilustre funcionario superior dos Correios e Telegrafos. Queremos pedir-lhe uma entrevista, sobre telefones. Combinada ela, chegamos á fala, sem fios. Ahi vai a conversa:

—Os serviços telefonicos de Lisboa e Porto, como os do Estado, e das pequenas rêdes, são caros e imperfeitos.

—Mas as autorizações de aumento de tarifas...

—Incitam á inercia e á incuria, porque os *deficits* das administrações são cobertos por essas autorizações salvadoras.

O nosso entrevistado como, o *Diario de Lisboa*, não tem má vontade contra as companhias concessionarias. Prestamos-lhe justiça. Aqui trata-se de factos e de soluções a problemas.

E segue:

—Para o proprio Estado, como para as companhias não existe outro processo de exploração que não seja o ataque á bolsa do assinante. Todas as reformas vão dar ali. Deixe-me dizer-lhe o que se poderia fazer sobre tal materia.

E vai dizendo o autorizado funcionario:

—Lá fóra, especialmente na Suecia e na Holanda, existem três serviços: os serviços automaticos; os serviços manuais; os serviços mixtos. A' primeira destas categorias pertencem os telefones «automaticos» que estabelecem as ligações automaticamente, isto é, sem intervenção de telefonistas. A' segunda pertencem os telefones cujas ligações são feitas por telefonistas, como em Portugal, e que no estrangeiro estão sendo substituidos pelos aparelhos automaticos. A's terceiras, finalmente, pertencem as estações de ligação entre as centrais automaticas e as centrais manuais.

—Quere então dizer que...

A substituição dos telefones manuais por telefones automaticos determinaria uma exploração economica e rendosa

— O funcionamento dos telefones automaticos é maravilhoso e liberta os assinantes do aborrecimento de erradas ligações. Os telefones automaticos são semelhantes aos telefones de mesa usados na rede do Estado e na rede inglesa do Porto, sistema Ericson. De um dos lados possuem, porém, duas rodas sobrepostas. A exterior, que é movel e perfurada em 10 partes, faz coincidir sucessivamente cada furo com os algarismos digitos gravados na roda fixa interior. Logo que se pretende obter uma ligação tira se o auscultador do descanço e manobra-se a roda exterior que se faz girar até esta deixar a descoberto o primeiro algarismo do numero que se pretende, repetindo se a operação tantas vezes quantas forem necessarias para se compor o numero do telefone com que se pretende estabelecer a ligação, pondo-se em seguida o auscultador ao ouvido. Se a linha está impedida, produz-se no auscultador um som prolongado, semelhante ao de uma buzina de automovel a grande distancia. Se, pelo contrario, se acha livre, este som é intercortado, podendo, portanto, iniciar-se a conversa.

—E o pessoal?

—Depois da guerra, são as exigencias do pessoal que servem sempre de pretexto para a extorsão do publico. Ora nas estações centrais dos telefones automaticos não ha necessidade de telefonistas. Apenas nelas são indispensaveis alguns mecanicos para vigiarem a marcha das maquinas e motores.

O ilustre funcionario superior dos Correios e Telegrafos, que bem conhece das suas viagens ao estrangeiro o funcionamento dos telefones automaticos, entra em explicações tecnicas ácerca do funcionamento facil, rapido, comodo e economico dos aparelhos, adaptaveis em Portugal com um pouco de boa vontade. E conclue a este respeito:

—A mecanica é mais atenta e mais solicita que as mais gentis telefonistas das nossas redes—que o são.

Justamente nos chamavam ao telefone. Engano. Era para a Morgue.

A adopção de telefones automaticos daria lugar ao embaratecimento das tarifas

—Mas os preços?...

—A transformação das nossas instalações exigiria, certamente, dispendio de capital, porém, com vantagem para os accionistas porque daria lugar a uma enorme economia de pessoal e a um serviço mais perfeito e regular.

As estações telefonicas automaticas têm tido notavel desenvolvimento em Rotterdam, na Suecia, nos Estados Unidos, no Mexico e na Argentina, possuindo a cidade de S. Sebastian, na peninsula, um serviço esmerado. Porque não se introduz este sistema em Portugal, em vez de se recorrer ao encarecimento, sempre crescente, das tarifas?

* * *

Muito mais coisas interessantes, fundamentadas, tecnica e financeiramente, nos diz o sr. Adalberto Veiga. Mas já não cabem no artigo.

Emfim. Aqui fica a esperança de um dia nos podermos libertar deste suplicio:

— Norte, 3608?...
— Está? Ah, não é ai, desculpe...
— Norte, 3608...
— Mudou para Central 6303... Vou ligar.
— Donde fala?
— Do Jardim Zoologico...
— Tenha paciencia... Oh menina ligue-me bem pela sua saude...
— Central 6308 não tem a linha boa...

Serão na Faculdade de Direito

Realiza-se no proximo dia 20, promovido pela Associação Academica desta Faculdade, um serão artistico, em que tomam parte os nomes já conhecidos do dr. Ivo Cruz, dr. Tavares de Carvalho, dr. Alves Martins, Palma Carlos, Domingos Monteiro, Amaro do Sacramento Monteiro, etc.

Para esta festa, que está despertando grande entusiasmo e que será seguida de baile, adquirem-se convites na Associação Academica da Faculdade de Direito.

«A B C» e Sacadura Cabral

O interessante magazine português «A B C» dedica grande parte do seu numero de ámanhã á memoria de Sacadura Cabral.

Para isso insere desenas e desenas de fotografias, muitas delas ineditas, sobre a vida, tão cheia de peripecias e aventuras gloriosas, do malogrado aviador. Assim o numero que ámanhã publica o «A B C», pode-se considerar um verdadeiro «in-memorium» a Sacadura Cabral.

Pelos teatros

Joaquim Costa

Realiza-se depois de ámanhã, no Eden-Teatro, a recita de homenagem á memoria do saudoso actor Joaquim Costa, promovida pelo nosso colega «Diario de Noticias», com a cooperação das associações dos Empresarios e dos Trabalhadores de teatro e o concurso de todos os artistas actualmente em Lisboa, revertendo o produto a favor da familia do malogrado artista. O programa, brilhantemente organizado, consta do seguinte:

Primeira representação de um original português, por Ilda Stichini e José Ricardo; o acto do «Conselho» da peça «O regente», pela companhia do Nacional e uma conferencia por André Brun, intitulada «Como se faz um quadro de revista». Um acto de variedades em que figuram: Versos, por Ilda Stichini; monologos, por José Ricardo e Alfredo Silva; canções portuguesas, por Alexandre de Azevedo; fados á guitarra, por Adelina Fernandes; canções, por Cremilda de Oliveira e Julieta Soares; trechos de opera, por Antonio Caldeira; canções espanholas, por Nina Ibañez; bailados, por Maria Carlos e Bill Bailley, com «jazz-band» e bailarinas, etc. Fecha o espectaculo o quadro da esquadra da revista «De capote e lenço», com Nascimento Fernandes no papel de «Cabo Elisio» e fazendo os restantes papeis Carlos Leal, Roldão, Aurelio Ribeiro, Cremilda, Auzenda e Laura Costa, incluindo-se neste quadro três numeros novos: «Os três ratas», por José Ricardo, Alexandre de Azevedo e Antonio Gomes (da Trindade); o coro dos «Sebastianistas» do «Burro do sr. Alcaide», por quatro empresarios e três autores, e o côro dos «Mantones» do «Pobre Valbuena», pelas 50 primeiras actrizes de Lisboa.

Na festa toma tambem parte a notavel «tonadillera» Candida Suarez.

«Madame Flirt»

«Madame Flirt», em scena no S. Carlos, continua batendo o «récord» das enchentes, sendo unanimes os aplausos do publico, que já consagrou a notavel peça e os seus interpretes, especialmente Lucilia Simões e Erico Braga, vão sendo menos para registar o facto desta casa de espectaculos manter os melhores preços nas suas localidades, tornando-as acessiveis a toda a gente.

«O Desejo»

Sobe á scena, no proximo sabado, no Nacional, em primeira representação, a peça de Pierre Wolff, «L'amour defendu», traduzida por José Sarmento com o titulo «O Desejo», tese de amor, de grande sucesso em Paris e que vai ser representada, nos principais papeis, pelos artistas: Ilda Stichini e Maria Pia, Rafael Marques, Ribeiro Lopes, Luis Pinto e Henrique de Albuquerque, fazendo a primeira a protagonista da peça.

Curro Vargas

No Salão Olympia está-se exibindo mais uma excelente producção da «Española-Film» com todas as suas caracteristicas de ambiente e panorama, desta vez o da bela Alcujarra com Granada e a Alhambra. «Curro Vargas» extraido da peça de Dicenta e Páso que por sua vez a arranjaram da noveta «El Niño de la Bola», tem uma bela interpretação das actrizes Breton, Comendador, da bailarina Pinitos e dos actores Montenegro e do já popular «Varillas».

Atrás do reposteiro

Realiza-se ámanhã, no teatro da Trindade, a ullima representação da peça «Edade de Amar», efectuando-se na proxima sexta feira, pela companhia Palmira Bastos, uma unica representação da peça «Tosca». Para sabado e domingo estão marcadas neste teatro duas unicas representações da peça historica «Maria Antonieta».

—A opereta «A dansa das Libelulas», em scena no S. Luis, representar-se-ha, em «matinée», nos dias de Natal e Ano Bom.

—Candida. Suarez, a «tonadillera» espanhola, que actualmente se exibe no Politeama, volta hoje a fazer as suas canções, repetindo-se a peça «E' preciso viver!»

—Regressou hoje do Porto o empresario teatral sr. José Loureiro, que tenciona seguir brevemente para Espanha, França e Italia.

—Palmira Bastos deve, na proxima semana, fazer «reprise», no Trindade, da celebre peça «Casa cercada», desempenhando a protagonista.

—Com a peça «A Sombra» realisa a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, esta noite, um espectaculo, a convite da direcção do teatro José Avelino, em Cacilhas, cujos socios são rapazes de representação social. Depois de ámanhã estreia-se em Setubal, onde efectua quatro espectaculos seguidos.

—Estão passadas as lotações do novo teatro de Santarem, que vai ser inaugurado pela companhia Satanela-Amarante.

—Começaram no Avenida os ensaios da nova opereta «O Arroz Dôce».

—Estrearam-se ontem, no Coliseu dos Recreios, os numeros: Orquestra Marimba Excelsior, e Mademoiselle Eliet, aquele composto de sete musicos da Guatemala e esta uma notavel «ecuyére».

Milheiro Fernandes
Nobrega Quintal
ADVOGADOS
Rua S. Julião, 110, 2.º Tel. C. 2903

Politeama Emp. Luís Pereira — Telef. 3028 N.
A's 21 em ponto — A representação da comedia
E' PRECISO VIVER
Depois da peça — Em fim de festa
A formosa e eximia «tonadillera»
CANDIDA SUAREZ
Domingo, 21 — 6.º concerto de assinatura
— **Orquestra Sinfonica de Lisboa** —
sob a regencia do maestro Fernandes Fão

TEATRO SÃO LUIZ
TODAS AS NOITES
Ninguem deve deixar de ir vêr
"A Dança das Libellulas"
celebre opereta de FRANZ LEHAR
Protagonista: AUZENDA DE OLIVEIRA

S. CARLOS Telef. C. 3063
Companhia LUCILIA SIMÕES sob a direcção artistica de LUCINDA SIMÕES
HOJE — A's 9 1/2 da noite — Enorme entusiasmo
MADAME FLIRT
Brilhantissima criação de LUCILIA SIMÕES
Preços: Fauteuils, 9$00; camarotes, 40$00; 30$00, 20$00 e 12$00; galeria, 2$50

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE — Recita da Moda
A HORA DO AMOR
SABADO, 20 — 3.ª recita de assinat. — 1.ª repr. da peça em 3 actos original de Pierre Wolff, tradução de José Sarmento: «DESEJO».

Teatro AVENIDA
Telefone N. 4356
HOJE A opereta
A MENINA DO CHOCOLATE

O BOLO REI
ampliada com o novo quadro
A cova do ladrão
TODAS AS NOITES no
EDEN TEATRO
(Telef. N. 3800)

Uma réprise sensacional
Nenhuma opereta conquistou jamais um tão grande agrado como
A casta Suzana
que toda Lisboa admirou na interpretação deliciosa de **Estevam Amarante, José Ricardo e Cremilda de Oliveira**
Bem andou, portanto, a empreza do
Cinema Condes
exibindo no seu «écran» a comedia que serviu de libreto á opereta e que tem o titulo de
A menina do taxi
sendo desempenhada pelos extraordinarios fantasistas
Esposos CARTER DE HAVEN
No mesmo programa os exitos «A abandonada» (final). A comedia das elegancias e modas e um «Pafuncio» em estreia HOJE

Teatro de S. Carlos Tel. C. 3063
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Lt.
6.ª epoca 1924-1925
Temporada de Opera Francesa
sob a direcção musical do notavel director da Orquestra da Opera de Paris
Mr. Gabriel Grovlez
a inaugurar nos primeiros dias de janeiro
Elenco constituido pelas primeiras figuras da Opera e da Opera Comica de Paris. Conjunto criteriosamente preparado. Brilhante cascenação. Valioso corpo coral e de bailes.
Termina ámanhã o praso para a assinatura aberta no escritorio da Sociedade para as 18 recitas da temporada, que com os espectaculos de bailados da companhia da celebre Loie Fuller e com os concertos da Orquestra Lamoureaux, os quais se efectuarão posteriormente á temporada de opera, constituirão a presente epoca de inverno neste teatro.

Teatro MARIA VITORIA
DUAS SESSÕES A's 8 1/2 e 10 1/2
As onze mil virgens
Graça! Luxo! Fantasia!
Brilhante criação da «divette» LAURA COSTA
TODAS AS NOITES

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C.-876
HOJE — A's 21,15
IDADE DE AMAR
Peça encantadora e de brilhante sucesso
Notavel trabalho da ilustre actriz
PALMIRA BASTOS

Adelaide Cabete
Medica—Doenças uterinas
Arnaldo Brazão
ADVOGADO
P. dos Restauradores, 13, 2.º

PHILIPS
Velas para Arvore de Natal
Para 110 e 220 volts, de facil colocação, produzindo um maravilhoso efeito na arvore.
A' venda nas boas casas de electricidade

Companhia das Quedas d'Agua do Norte de Portugal

Nos termos da resolução do Conselho d'Administração, e em harmonia com o § 2.º do artigo 5.º dos estatutos, são convidados os srs. Accionistas, subscriptores das acções da serie B, a entrar até 31 de Dezembro corrente com uma prestação de 20 % sobre o capital subscripto.

As prestações serão pagas aos banqueiros da Companhia, srs Pinto & Sotto Mayor

Lisboa, 13 de Dezembro de 1924.

O Presidente do Conselho de Administração
CANDIDO SOTTO MAYOR

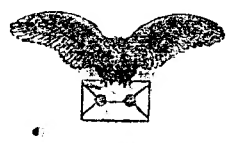
32$50
ANEIS COM DIAMANTES E SAFIRAS
Grande sortimento de objectos proprios para brindes do Natal e Ano Novo
por preços sem competencia
Só vende a Ourivesaria
do
BARATEIRO PIMENTA
Rua da Palma n.º 2
esquina
Telefone Norte 3053

Remedio constituido com o suco de sete plantas medicinais.
Faz nascer o cabello ás pessoas calvas.
Cura em pouco tempo a queda do cabello.
Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude é sobretudo um remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario:
Drogaria Elias
R. dos Fanqueiros, 342, 344. Dep. Porto: Castro F.º & C.ª, R. 31 Janeiro, 51. Frasco, 12$50 pelo correio, 17$50.

MOBILIAS
Em todos os Estylos e para todos os preços encontrando-se sempre uma verdadeira diferença de 40 o/o devido a serem antigos fornecedores das Lojas de mobilias em todo o paiz.
Exposição de moveis em genero antigo — Decorações de casas completas — Grande variedade em Carpetes, Veludos, Tapetes, tapessarias, capachos, etc., etc.
ARNALDO GOMES & C.ª
RUA EUGENIO DOS SANTOS, N.º 179, 1.º ANDAR
(Predio da Esquina d'Annunciada)

MOBILIAS E PIANOS
USADOS
Não comprem sem confrontar preços
RUA DA ATALAIA, 107, 109
T. dos Inglesinhos, 1

ESCRITURAÇAO E CONTABILIDADE
Aprende-se em casa, rapidamente e com excelentes resultados.



INSTITUTO NACIONAL DE Ensino por Correspondencia
6, L. TRINDADE COELHO, 6
LISBOA
Peçam o prospecto gratuito

Papeis para casamentos civis e religiosos, de nacionais e estrangeiros; autorisações judiciais para menores; dispensas de parentesco; mudanças de nome; emancipações; divorcios; inquilinato, etc., de tudo trata modicamente.
A PROCURADORA
Rua dos Fanqueiros, 277, 2.º
Telefone N. 4556

RESTAURANTE NA CÁVE
DO
Grande Café Nacional
Entrada pela Rua 1.º de Dezembro e Calçada do Carmo
PRIMOROSO SERVIÇO DE ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS
Cada refeição — 12 escudos

RICAS MOBILIAS
Deslumbrante Exposição
Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada
ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO
DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

MOBILIAS EM LIQUIDAÇÃO
Durante o corrente mês liquidam-se por preços baratissimos todas as mobilias e moveis desirmanados.
Casas de jantar desde 1.500$00 a 8.500$00.
Quartos desde 2.200$00 a 9.000$00.
Escriptorios, salas, tapetes, maples em pele e em veludo.
Rica mobilia de quarto, estilo Luiz XVI, guarnições em bronze.
Linda mobilia casa de jantar holandesa, com boas ferragens.
Algumas mobilias em 2.ª mão, que recebemos em troca de novas.
Rua ESCOLA POLITECNICA, 237, frente ao Palacio Palmela.

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos
GOARMON & C.ª
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE, FAZEM-SE A 450$00 : : : : : FABRICAÇÃO GARANTIDA
: : : TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, loja: :

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

DR. ARMANDO NARCISO
Medico do Hospital de Santa Marta
CLINICA MEDICA
Consultorio:
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)
Residencia:
Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

ESTRANGEIRO

Victor Gonçalves, Lt.da
CHANGEURS - CAMBISTAS - CHANGERS
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 - - - - - LISBOA

DA ALEMANHA

Será

Stressmann

encarregado

de organisar

o novo ministerio?

BERLIM, 17

As decisões tomadas ontem pelos grupos parlamentares dos partidos nacionalista e democratico não contribuiram para aclarar a situação politica.

Os nacionalistas continuam a manter-se numa atitude reservada, e os democraticos declaram-se dispostos a colaborar apenas num gabinete de coligação centro-esquerdas, ou mesmo com a colaboração dos socialistas.

Dá-se como certo nos centros bem informados, que Stressmann receberá ainda hoje o encargo de organisar o novo governo, mas as probabilidades de exito para a formação dum gabinete presidido pelo ex-chanceler dependem principalmente da deliberação que tomar o grupo parlamentar.—(L.)

Foi aceite

a demissão do ministerio Marx

BERLIM, 17

O presidente Ebert aceitou a demissão do gabinete, devendo, contudo, Marx continuar á frente dos negocios publicos até que o novo governo seja formado.

O partido do centro terá hoje uma reunião importante para tratar de saber se o partido apoiará um governo de coligação da esquerda ou da direita.

Se todos os esforços falharem para se estabelecer um governo de coligação, formar-se-ha um governo extra-partidario.—(R)

Na Albania

rebentou uma revolução

BERLIM, 17

Todo o norte da Albania é campo de um movimento revolucionario dirigido pelo antigo chefe do governo Amed Zogu.

O governo enviou já fortes destacamentos de tropas para dominar as forças revolucionarias.

Segundo um telegrama de Belgrado, os insurrectos apoderaram-se de Scutari e de Kruja e marcham sobre Tirana, onde está estabelecida a capital.—(L.)

O dr. Schacht, declarou num banquete de banqueiros berlinenses que o Reichsbank tem de novo dois biliões de marcos em ouro e cambiais estrangeiras, de modo que no principio do ano deve ser diminuida a taxa de desconto.—(L.)

Chegou-se a completo acordo entre a Alemanha e a Italia, para se estabelecer o tratado de comercio.—(R.)

Café do Coliseu

Não ha melhor, nem mais confortavel Café em Lisboa, do que o que está situado junto ao atrio do Coliseu.

"A B C" e "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"
anos completos e numeros raros.
Ha sempre.
Travessa da Queimada, 31

Purgações

E MAIS DOENÇAS SIFILITICAS. **Tratamentos especiais. Laboratorio Sanitario.** Avenida Almirante Reis, 29, 1.º.

DO PAIZ VISINHO

Fez-se

o que exigiam

a honra e a conveniencia

escreve Primo de Rivera

numa proclamação ao Exercito de Marrocos

Continua em Espanha a reacção contra a campanha intentada em França, de ataque ao Rei, ao governo e ao exercito espanhol.

São muito variados e interessantes os aspectos dessa reacção.

Um dos seus documentos mais curiosos é o manifesto da União das Damas Espanholas ás mulheres de Espanha. Dele transcrevemos a parte mais interessante:

«Sempre, mesmo nos tempos em que pareciam vedados á mulher a defesa e o sentimento dos interesses nacionais, se uniram, no coração das mulheres espanholas, como amores inseparaveis, o da religião e o da patria.

Não é, pois, estranho, que, agora que se lhe vai reconhecendo o direito de intervir na vida publica, e de lamentar, quando lhe não é possivel aliviar, os males que affligem a patria, se exteriorise e tome corpo o profundo pesar com que as mulheres espanholas vêm que, emquanto muitos dos seus filhos, filhos tambem de atribuladas mães, dão o seu sangue para manter o bom nome da Espanha, outros filhos ingratos têm ido tecendo em terra estrangeira, como suja teia de aranha, a campanha de difamação que pretende envolver, com a honra nacional, a pessoa augusta em quem, com o coração mais amante da Espanha, se encarnam os prestigios da nossa historia»

* * *

Primo de Rivera — que prometera pôr em via de solução, antes do fim do ano, o problema de Marrocos — cumpriu essa promessa. Os seus planos estão quasi todos realizados — e começam a voltar aos seus lares milhares de soldados que estavam fazendo a guerra.

Em face disso, o prestigioso militar dirigiu ao Exercito da zona ocidental a seguinte proclamação:

«Entrais em Tetuan, triunfantes, depois de realizar as mais dificeis operações de guerra, levantar cercos, retirar postos afastados e desdobrar por um largo desfiladeiro coberto de inimigos nos seus dois flancos. Era o que, na ocasião presente, pediam a honra e a conveniencia da Espanha, e foi esta empresa que realizastes, muito mais dificil que avançar, e, além disso, demonstrativa de maior abnegação e disciplina.

¡Bravo, senhores generais, comandantes, oficiais, subalternos e soldados!

Uma nova linha de sangue espanhol marca o caminho da civilização que, ainda que nem todos o vejam claramente, está aberto.

Dentro de pouco tempo, ir-se-ha a Xauen, sem perigo nem precaução alguma, guardados pelos mouros que acabamos de combater e pelos muito bravos e leais que têm estado ao nosso lado.

Entrais em Tetuan, naturalmente avidos de descanço e de prazeres, mas é preciso que vos contenhais e procedais com moderação, para que a cidade, ao receber-vos e ao aplaudir o vosso valor, aplauda tambem a vossa conduta, a vossa urbanidade e a vossa disciplina. Garanto que correspondereis á confiança que em vós ponho.

Alguma coisa fica por fazer: dominar fócos de rebelião que se acenderam ingrata e cobardemente atraz das nossas linhas, emquanto vos batieis bravamente.

O castigo será breve, mas será duro.

Tambem em Larache acabam hoje a libertação dos postos cercados e o desdobramento nas linhas marcadas.

Em Melilla, os vossos camaradas vigilantes têm tido incessantemente inquieto o inimigo.

Dedicai todos uma prece aos mortos, uma recordação aos feridos, admiração aos herois, respeito a quantos cumpriram com o seu dever, lastima aos que o olvidaram, e haja novos animos para prosseguir na vida, que é sempre luta e desejo.

Os que se vão afastar já das nossas filas, que levem ás suas terras, com a vossa recordação, a saudação dos que ficam.

O vosso primeiro abraço ás vossas mães que seja tambem o da Espanha, a quem o mundo constantemente observa.

A Espanha espera impaciente a solução deste problema, para atender a outros que se relacionam com o seu progresso e engrandecimento.

Pela minha parte, só posso dizer-vos que, se com o vosso eficaz concurso, contribuir para prestar á patria um serviço importante, a minha gratidão por vós será imperecivel e a minha satisfação insuperavel.

O vosso general em chefe, *Miguel Primo de Rivera.*»

DE INGLATERRA

Será

brevemente

assignado

um tratado

sobre o Mediterraneo?

LONDRES, 17

Chamberlain, Mussolini e Briand aproveitaram a reunião do conselho da Sociedade das Nações de Roma para discutirem as questões do norte de Africa, parecendo que se tenciona reunir uma conferencia num futuro proximo.

Briand disse aos jornalistas que a paz no Mediterraneo só se podia manter pela cooperação das três potencias Mediterraneas, a Italia, a Inglaterra e a França. A Espanha não foi mencionada.—(R.)

O primeiro vôo

fez-se no ano de 1903

LONDRES, 17.—Hoje é o vigesimo primeiro aniversario do primeiro vôo de aeroplano feito por Orville Wright, em Kittyhawk, na Carolina do Norte, em 1903. Foram percorridas vinte e cinco milhas, numa hora, num aparelho com um motor de 12 cavalos e que pesava, incluindo o piloto, cerca de tresentos quilos. Orville Wright, com o seu irmão Wilbur, já falecido, foi um esforçado pioneiro da aviação, sendo hoje grande construtor de aeroplanos.

Orville Wright recebeu hoje muitos telegramas de saudação, entre eles telegramas da real sociedade aeronautica e Royal-ago-Club desta cidade.—(R)

30.000 libras

valiam umas joias roubadas...

LONDRES, 17.—As joias de Lady Lublow, que tinham sido roubadas no mês de julho proximo passado, e que estavam avaliadas em 30.000 libras e eram consideradas como uma explendida colecção, foram entregues á policia de Scotland-Yard e devolvidas á sua proprietaria.

Supõe-se que foram os proprios ladrões que as restituiram depois de terem reconhecido a impossibilidade de as vender.—(R.)

Portugalise os seus Pés
Rocio, 122
Rua da Palma, 128

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	99$50	100$00
Paris	1$14	1$15
Madrid	2$01	3$03
New-York	—	21$40
Amsterdam	—	8$62
Suiça	—	4$15

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	1$06,5
Italia	—	$92,5
Praga	—	$64,5
Brazil	—	2$45
Libra esterlina	111$00	116$00
Agio do ouro	—	—

A TARDE PARLAMENTAR

O monopolio dos tabacos

VAE ACABAR

se fôr aprovada a proposta do governo

O sr. ministro das Finanças apresentou hoje, na Camara dos Deputados, uma proposta de lei, que visa a acabar com o monopolio dos Tabacos, concedendo a liberdade de fabrico e de importação.

Transcrevemo-la a seguir, bem como a larga justificação que a antecede:

Senhores Deputados: — O país conserva bem fixas na memoria as condições adversas e deploraveis em que, no meio de perturbações causadas pelo «ultimatum» de 11 de Janeiro de 1890, os credores da divida flutuante externa, servidos por instrumentos funestos das finanças de Portugal, exigiram e conseguiram o monopolio do fabrico dos tabacos e a liquidação dos seus creditos por um emprestimo ruinoso, completado em 1896 com a garantia da renda fiscal daquela concessão e amortizavel até Abril de 1926.

Todos se lembram igualmente das maquinações feitas em 1905 e 1906 pela Companhia dos Tabacos, em ligação com elementos da situação ao tempo dominante, para obter por mais tempo e com possibilidades de maiores lucros o usufruto do mesmo exclusivo, empregando para isso a oferta aliciadora de outro emprestimo em conversão do antigo.

As duas operações foram separadas uma da outra, por efeito das campanhas oposicionistas em que entrou o Partido Republicano, tendo sido apenas remodeladas as clausulas do monopolio, pelo praso que estava assegurado virtualmente desde 1890. Conseguiu o governo alguns aumentos imediatos e futuros de renda, pelo contrato de 8 de Novembro de 1906 sem que, no entanto, a Companhia dos Tabacos deixasse de ser considerada como um factor adverso ao levantamento das finanças e da economia de Portugal.

Sem duvida alguma as funestas ambições da Companhia e as suas relações intimas com politicos dos partidos monarquicos foram uma das causas que mais contribuiram para a queda do antigo regimen fazendo juntamente com outras crescer no País a opinião de que era preciso outro sistema governativo que, limpando a atmosfera da administração publica, desafrontasse os interesses e os destinos da Nação.

Assim se formou no espirito de numerosos homens publicos, até dentro dos grupos monarquicos, e mais ainda nas correntes intelectuais do Partido Republicano, a ideia firme de que, ao terminar em 1926 o praso do monopolio e da amortisação do emprestimo, deveria ser abolido o regimen do exclusivo, para se implantar o da liberdade de industria, de importação e de comercio com as necessarias vantagens para o Tesouro.

Uma necessidade superior de ordem moral e até politica, na mais elevada acepção desta palavra, exige que desde Abril de 1926 esta solução seja praticada, até porque tambem a da «régie» não é aconselhavel neste periodo pelos contratempos que vêm tendo em geral as administrações industriais feitas pelo Estado. Uma razão igualmente poderosa impõe esse novo caminho para a exigencia de todas as garantias possiveis para os reditos da Nação. Sejam quais forem as condições de caracter agricola, industrial e operaria que possam estar ligadas ao assunto dos tabacos, ninguem contesta sequer o principio geral de que ele, acima de tudo, oferece um interesse fiscal.

A renda respectiva da Fazenda Nacional deve, pois, ser a melhor de todas no quadro geral das receitas orçamentais. Ao mesmo tempo tem de ser o mais decisivo recurso de que lançar mão para a reforma financeira e economica que o Governo vai empreender.

Foi ultimamente posta em evidencia, deante do Parlamento e do País, a quebra imensa que tiveram os rendimentos publicos dos tabacos pela desvalorisação da moeda e por outros motivos, a par do graddissimo desequilibrio que se estabeleceu por esse modo entre eles e os encargos do emprestimo a cujos serviços estão consignados. E' desnecessario, por isso, insistir sobre este assunto.

A proposta orçamental rectificada, de 4 de Novembro deste ano, tendo já em vista o disposto na recente lei e no tão discutido acordo sobre os tabacos, eleva a renda fixa a 22:351.666$66 e a participação de lucros a 26:520.000$00. ou um total de 48:871.666$66, que transformado ao cambio de 101$02,5 a libras, figurando naquele documento, representa apenas cêrca de libras 483.750 ou 2:176 875$00 (ouro). Não chegaria isto a ser metade da receita anterior ao monopolio, e seria apenas cêrca de um terço da que o Estado tinha ao desencadear-se a Guerra Europeia.

As necessidades superiores de reconstituição nacional exigem que de 1926 por diante a renda fiscal dos tabacos, pelos direitos aduaneiros e imposto de produção, seja progressiva e corresponda inicialmente á de 1914, computada em ouro, havendo entre os primeiros e os segundos um beneficio diferencial nunca inferir a 20 0,0 a favor da industria portuguesa. A esta orientação obedece a proposta de lei agora apresentada, tratando de elevar-se desde já a receita respectiva nos arquipelagos adjacentes, onde o Estado não está sujeito presentemente a nenhum regimen contractual.

* * *

Na sua essencia a mesma doutrina tem de ser adoptada por motivos semelhantes, quanto ao fabrico e á importação de acendalhas, pavios ou palitos fosfóricos, uma vez que o monopolio industrial disfrutado pela Companhia Portuguesa de Fosforos termina em 25 de abril de 1925,

A receita fiscal fixa proveniente dos fosforos é de escudos 280:500$00, não havendo nela por vicio do contracto a necessaria progressividade. Na proposta orçamental rectificada, ela atinge a verba total de 1:876 500$00, ou libras 18:500 pelo cambio acima considerado, ou ainda 80:325$00 (ouro), o que é verdadeiramente insignificante.

O contracto de 25 de abril de 1895 estabeleceu que a renda do exclusivo seria de 280:500$00 acrescida de 347$00 por cada serie de 1:000 grossas de caixas, além de 175:000 de produção anual. Passados já trinta anos, não é muito exigir que a receita dos fosforos se aproxime do dobro da primitiva em ouro e que ela cresça com o desenvolvimento da população e da riqueza.

As ideias fiscais acima expostas exigem naturalmente que a fixação dos direitos e impostos, quer dos fosforos quer dos tabacos, seja feita sucessivamente pelo Estado, em harmonia com os principios fundamentais estabelecidos para que os respectivos rendimentos sigam a necessaria evolução.

Tanto é o que pretende a seguinte

Proposta de lei

Artigo 1.º—Desde 1 de Maio de 1926 vigorará no continente o seguinte regimen dos tabacos:

1.º—Liberdade de fabrico, pagando as fabricas por cada quilograma de tabaco produzido o imposto necessario para o Governo obter deste e do direito aplicavel á importação do tabaco estrangeiro manufacturado: uma receita que no primeiro quinquenio seja pelo menos igual á que o Estado obteve pelo regimen fiscal dos tabacos no ano industrial de 1913 1914, considerada em ouro ao par, e que aumente sempre 7 0/0, pelo menos em cada novo quinquenio, havendo um beneficio diferencial de 20 0/0 entre o mesmo imposto e o mesmo direito, os quais serão fixados sucessivamente em aplicação do que fica preceituado.

2.º—Liberdade de importação, pelas fabricas, de tabaco em rama, tala, rolo ou outra forma não manufacturada, ficando elas sujeitas mediante rateio, ás obrigações que para a Companhia dos Tabacos de Portugal estão estipuladas no artigo 6.º n.º 12.º do contrato de 8 de Novembro de 1906, em garantia dos tabacos produzidos no Douro.

3.º—Liberdade de importação de tabacos manufacturados, por qualquer pessoa singular ou colectiva, pagando o direito fixado em harmonia com o n.º 1.º.

a) Se fôr necessario ou conveniente proteger a produção agricola de mais quantidade de tabaco, será isto feito de modo que o Estado tenha uma receita nunca inferior á que teria pelo que dispõem os nºs 1 e 3.

b) As fabricas serão vendidas ou arrendadas pelo Estado, separadamente, em hasta publica, antes de Janeiro de 1926, podendo sê-lo desde já para serem entregues nas condições em que as tem de deixar a Companhia dos Tabacos de Portugal em 1 de Maio do mesmo ano, sendo os preços ou rendas pagos em ouro. O governo fixará as garantias a dar ao pessoal a que se refere o n.º 7 do art. 6.º do contracto com a Companhia dos Tabacos de Portugal, de 8 de Novembro de 1906.

c) O tabaco manufacturado no continente continuará a gozar dos beneficios diferenciais que lhe são assegurados nas colonias portuguesas até serem modificados convenientemente os respectivos regimens aduaneiros.

d) O mesmo tabaco pagará nas ilhas adjacentes o direito aplicavel ao estrangeiro, menos 10 %.

e) O tabaco manufacturado nos arquipelagos adjacentes e importado no continente pagará os direitos estabelecidos em harmonia com os numeros 1 e 3 deste artigo, menos 10 %, deduzida a importancia do imposto pago na origem.

Art. 2.º. Aplicar-se-ha nos arquipelagos adjacentes, desde a data deste diploma, o seguinte regimen, vigorando o disposto na primeira parte do n.º 3 do art. 1.º.

1.º—O tabaco manufacturado que fôr importado em cada um deles pagará 3$50 (ouro) por quilograma, gosando do beneficio diferencial de 10 % o que houver sido fabricado no outro arquipelago ou no continente.

2.º—O tabaco manufacturado em cada um dos arquipelago pagará um imposto de produção igual ao direito que o n.º 1.º deste artigo estabelece, menos 20 %.

3.º—Os aumentos de receitas que resultarem das disposições deste artigo não serão compreendidos por quaisquer preceitos anteriores que tenham dado destino especial a rendimentos fiscais dos tabacos.

Art. 3.º—Desde 26 abril de 1925 por diante a importação e o fabrico de acendalhas e palitos ou pavios fosforicos são livres e ficam sujeitos ao seguinte regimen no continente e ilhas adjacentes:

1.º O governo fixará anualmente o direito aplicavel á mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de fórma que entre aquele e este haja um beneficio de 20 0/0 a favor da produção nacional.

2.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquenio, ao dobro da rendã fixa anual estipulada na condição 2.ª do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 561 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquenio a esta renda acrescida de 7 0/0, pelo menos.

Art. 4.º O governo publicará os diplomas que forem indispensaveis para a completa execução do disposto nesta lei,

Art. 5.º Fica revogada a legislação em contrario.

Lisboa e Sala das Sessões da Camara dos Deputados, Dezembro de 1924.

O Ministro das Finanças

A SESSÃO

—Estão presentes 49 srs. deputados. Está aberta a sessão.

Dito isto, o sr. Domingos Pereira, que preside, acrescenta mais isto:

—Vai ler-se a acta.

E, realmente, parece que sim, que vai, mas o certo é não se ouve nada do que diz a pessoa incumbida de tal assunto: o sr. O. da Silva. E, de resto, ninguem se interessa por essa leitura, durante a qual a cavaqueira se faz ouvir em sussurro, por toda a sala.

Os srs. Ginestal Machado e Francisco Cruz, enquanto a papelada se arruma, fitam atenciosamente o tecto e, pelas frinchas dos andaimes, procuram adivinhar o motivo dos «paneaux» que o sr. Alves Cardoso ali tem estado a pintar, de sociedade com o seu colega Frederico Aires.

* * *

Primeiro orador, o sr. Tavares de Carvalho, que se limita a fazer um requerimento, que fica para a devida oportunidade; segundo orador, o sr. Viriato da Fonseca, que se fica depois de interrogar a mesa sobre qualquer assunto em que a presidencia está em branco.

Seguidamente... segue-se a discussão do projecto apresentado ontem pelo sr. Sá Cardoso, excluindo das disposições da «lei travão» determinados projectos, isto é, para saber quando se tinha de consagrar acontecimentos provadamente nacionais.

O sr. Virgilio Saque apresenta um artigo novo para esse diploma que, desde já visa a poder-se votar a promoção do desditoso companheiro de Sacadura Cabral, mecanico Pinto Correia a sargento, a fim de que a familia do bravo marinheiro receba a respectiva pensão.

O caso dá logar a varios discursos, ouvindo-se o sr. Carlos Pereira dizer que a «lei-travão» é uma lei... «de travão automatico». O sr. Carlos Pereira desfia considerações sobre considerações e em certa altura, zanga-se por lhe parecer que os ministros presentes não lhe ligam nenhuma.

Ao «tenho dito» com que o sr. Carlos Pereira fez ponto final no seu arrazoado, seguiu-se o modo de ver do sr. Ginestal Machado, a modos que um tanto juridico mas sem aquela voz indispensavel para que na tribuna da imprensa se compreenda mais do que isto:

—Não se sabe onde começa a calamidade, nem se sabe onde acaba a calamidade...

Depois do sr. Morais de Carvalho ter produzido diversos comentarios em volta da questão, resolve-se isto:

«Exceptuam-se do preceituado no artigo 2.º e seu paragrafo 1.º da lei n.º 1648, de 11 de Agosto de 1924, os projectos de lei ou propostas tendentes a ocorrer ás despezas indispensaveis e urgentes determinadas por casos imprevistos, de força maior, em que assumam o caracter de calamidade publica. A admissão e aprovação em cada uma das Camaras do Congresso, dos projectos de lei ou propostas a que este artigo se refere só pódem ser deliberadas por maioria de votos não inferior á quarta parte do numero legal de membros da Camara, ficando revogado o paragrafo 2.º do artigo 2.º da lei n.º 1648 e toda a legislação em contrario».